

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

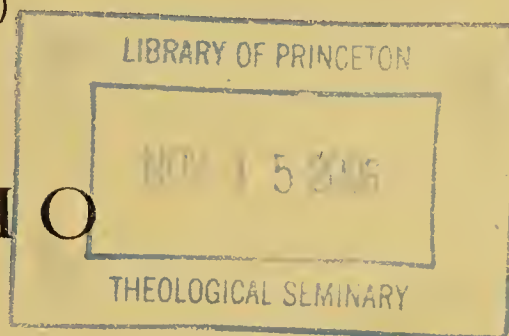
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR

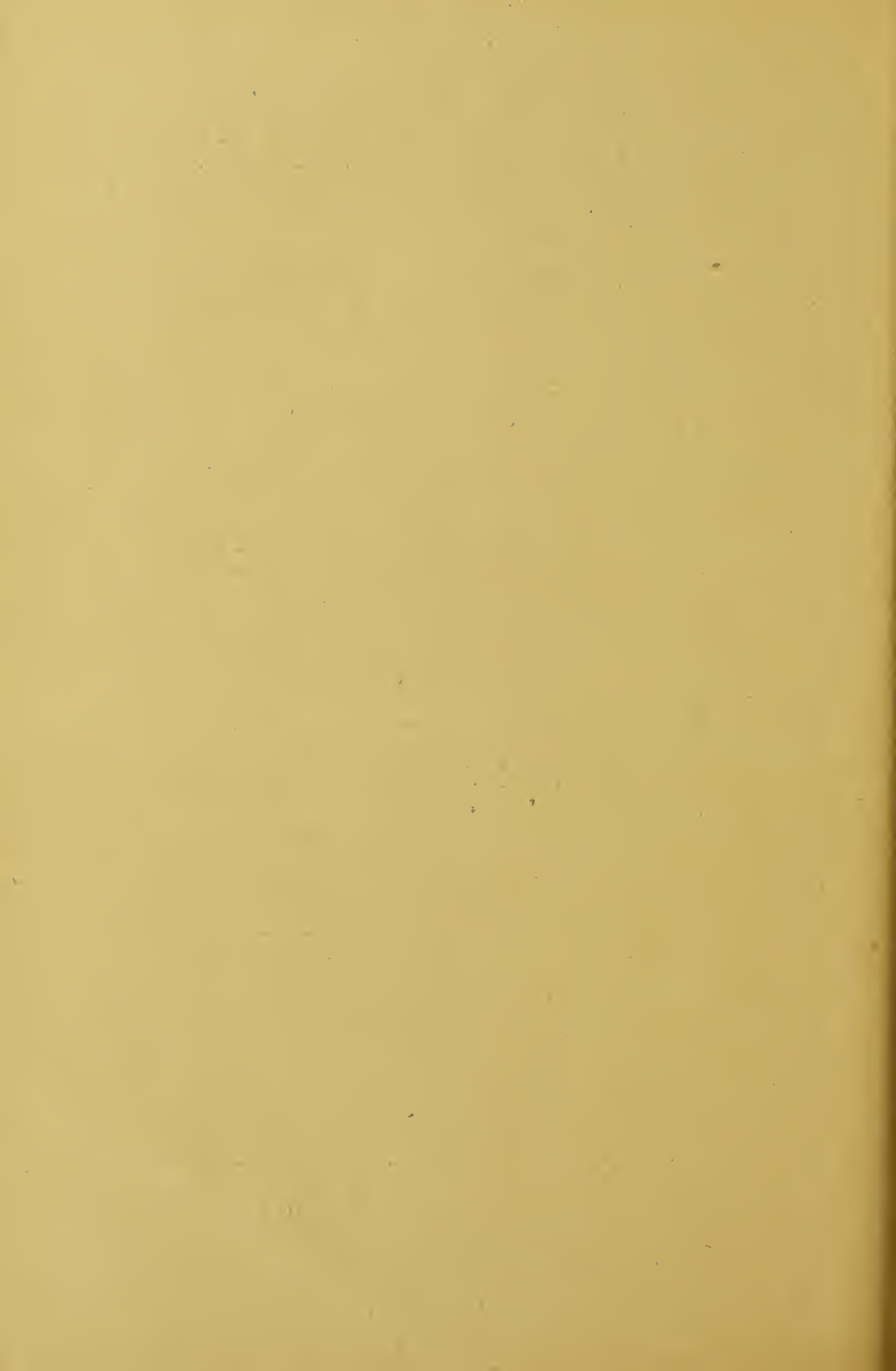
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



| | |
|--|----------------------------------|
| Quem é êsse homem? | <i>N. Bolet Peraza</i> |
| Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard | <i>V. O. Casella</i> |
| Dêsvolvimento em três tempos da concepção real do Universo. | <i>Irmão Saulo</i> |
| Lesões Cerebrais | <i>Carlos Imbassahy</i> |
| O Espiritismo é a Religião | <i>Noraldino de Mello Castro</i> |
| Hipnose e Espiritismo | <i>Osmard Andrade</i> |
| Arigó quer enfrentar em São Paulo o julgamento de 60 Médicos Brasileiros | <i>Do "Diário de São Paulo"</i> |
| Serões Bíblicos | <i>Luiz Caramaschi</i> |
| Crônica Estrangeira | <i>Redação</i> |
| Espiritismo no Brasil | <i>Redação</i> |



Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr \$ 260,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.\$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.\$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.\$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuniíssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinamos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr\$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.\$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

Quem é esse homem ?



ASCEREM os reis, os príncipes, em berços de ouro, e durante muitas gerações erguem as suas fronteiras coroadas e unguidas. Mas o sôpro dos tempos e o hábito das revoluções derrubam os trônos e varrem as dinastias. Sômente de um sabemos ter imperado por mais de dezenove séculos,—o mais longo reinado já registrado na história.

Surgem os conquistadores pela audácia, triunfam pelo heroísmo, e tudo o que pisam é seu, tudo o que olham, a um sinal, lhes obedece. Com a ponta de suas espadas traçam imenso círculo na terra, fazendo destas o seu feudo, com as suas façanhas vão os seus nomes, e com os seus nomes o prestígio e a glória. Mas passa o tempo sôbre a terra, e extingue os seus feitos ; novas ambições e novas conquistas aniquilam as vozes da fama, e o herói se desvanece, seu poder se funde, e seu nome é esquecido.

Sômente um conquistador conhecemos que tem sobrevivido mais de mil novecentos anos, cada vez mais aumentando os seus domínios, tornando cada vez mais universal a sua memória.

E nasceu num estábulo de humildes animais ; e não recebeu, como emblema de poder, outro cetro a não ser a cruz, e não reinou mandando, e sim compadecendo-se ; por corôa teve a dor, por trôno o suplício. De um mundo velho fez uma sociedade nova ; e não

levava exércitos e sim discípulos, não brandia espada, mas emitia idéias, e fez mais que Alexandre com seu arrôjo e suas legiões. Os tributos que impôs eram fáceis de pagar, eram tributos de amor ; as leis que ditou eram doces leis de salvação e de dignidade ; e quando mais vasta era a sua conquista e maior o seu poder, na hora em que os caudilhos brigam e apertam as cadeias douradas de uma servidão com libré de glória, êsse estranho caudilho abdicou na humanidade o seu império terreno, e assinalou com seu martírio o caminho de outros reinos e de outra vida para as almas.

De grandes homens está cheia a história em todos os seus períodos, em tôdas as civilizações que têm modificado o mundo. De uns se refere a sua crueldade, de outros a sua cobiça, daquêles a sua ambição, dêste a sua sensualidade, de um outro a sua intemperança, de muitos a sua soberba.

Só um existe em quem jamais alguém notou a menor deformidade moral. Só um reúne em si tôdas as castidades da alma, tôdas as perfeições do Espírito. Por sua mente não cruzam senão pensamentos puros ; de seu coração não emana senão a generosidade ; de sua mão não sai senão a dádiva ou o alívio ; o que diz pratica ; o que faz, o indica como exemplo. Enfrenta as idéias e os poderes caducos, mas não conspira. É a revolução da luz, e êle é o sol

sem manchas que a difunde. Nêle se personificou o futuro.

E' uma revelação que fala e não combate: — se durante a sua marcha caem as superstições, e se esvaem os vícios, e se desmorona a opressão, e os escravos presos à gargalheira a quebram e se incorporam à sociedade, e a mulher aniquila a sua maldição e cinge um diadema, é porque nêle se concentra a fôrça lenta, porém progressiva de muitos séculos, e a reformadora virtude de muitas civilizações.

Xerxes comanda cinco milhões de soldados, para cuja marcha levanta uma ponte sôbre o Hellesponto e atravessa o monte Athos. O mundo sente os seus passos e treme. O filho de Felipe leva ao coração do Oriente o sôpro da Grécia entre vitórias e orgias. Cesar deixa a sua lealdade do outro lado do Rubicon, constitui-se senhor de Roma e aumenta o poderio de sua pátria. Carlos Magno faz abrir a história da Idade Média com o largo capítulo de suas proezas; Napoleão aparece em meio da anarquia, da degola e do perigo da França, e aterra os reis com a insolência de seu gênio vitorioso.

Todos êsses grandes conquistadores colheram o mundo de improviso com a sua aparição e seus triunfos.

Só de um se conta que os povos o aguardavam, que os profetas o anunciaram, que de tôdas as partes aclamavam vozes augúricas a sua vinda, indicando de antemão a sua estirpe, os processos de seu nascimento e a maravilha de seus feitos.

Tempos de esplendores reais, de supremacia sacerdotais, e ninguém espera da estirpe, nem da legenda o grande Reformador. Fixam-se os vaticínios no humilde, os olhares no desvalido, e quando voz misteriosa ou claridade de estrela anunciam o cumprimento da profecia, ninguém vai render homenagem a templos nem palácios: reis e poderosos,

povo e pastores vão pela mesma estrada caminho do presépio, carregados de ouro e essência uns, de humildes presentes outros, a dobrar o joelho sôbre a tosca palha, única régia alfombra daquele palácio emprestado pelos animais.

Se a sabedoria pode ter infância, é essa a infância daquele prodigioso menino. Aos doze anos, na idade em que a razão começa apenas a balbuciar assêrtos, fala de coisas altas e de profundas matérias. A Sócrates instruíram os sábios, e êle por sua vez ilustra a Platão, e Platão prepara a Aristóteles. Todos os filósofos recebem e transmitem uma herança de conhecimentos.

Só êste filósofo maravilhoso fala do que não leu. Todos seguiram ou formaram escola. Êste cria alguma coisa mais que uma escola: funda uma doutrina de amor. Todos escrevem volumes: êle apenas deixa cair sentenças. Os fundamentos principais da humana sabedoria e da moral social êle as condensa em brevíssimo código que uma criança aprende e entende.

Os sábios consignam as suas idéias que logo a contradição pulveriza. Só a doutrina dêste Sábio incomparável se conserva sem uma alteração, sem uma arranhadura, no decurso de dezenove e meio séculos que o mundo a tem diante de seus olhos.

Cada homem ilustre tem o seu paralelo na história. Em épocas mais ou menos remotas se reproduzem os personagens eminentes das sociedades — tão sômente êste misterioso personagem é único. Não tem antecessor que se parecesse, nem tem tido sucessor que se lhe aproxime em perfeição e transcendência. Erra a humanidade, e êle jamais erra. Sucumbe o filho do homem e êle não fraqueja. A sua vida é um milagre moral que assombra.

N. Bolet Peraza

Assim como rendeis justas homenagens a Jesus no dia que relembra o seu nascimento, assim também, unidos a vós pelos mesmos sentimentos, nos reunimos para agradecer lhe, num testemunho de gratidão, a felicidade que aqui desfrutamos em consequência do conhecimento e da prática de sua doutrina em espírito. Jesus é o sol a iluminar consciências, é bálsamo a cicatrizar as feridas da alma. A sua palavra é universal, porque é o verbo de Deus a se fazer ouvir no universo todo. Só a Êle devemos tudo o que de bom possuímos na estrada da perfeição espiritual. — CAIRBAR

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard



V



Os leitores que leram o primeiro início do dr. Osmard, no ano passado, quando nos contra-rebateu, devem estar lembrados que ali o assunto foi cuidado com a devida seriedade; enquanto que seus artigos dêste ano surgiram com outro aspecto, pelas suas insistentes ironias. Deduz-se que na primeira vez veio em campo certo de já ter cantado vitória, motivo pelo qual se interessara em apresentar um trabalho de responsabilidade. Contrariado, por não ter conseguido liquidar nossos argumentos, retornou agora, recorrendo a ironias, deixando entrever a falta de segurança no seu combate em campo limpo, na pureza da ciência.

Assim estamos deduzindo, baseando-nos pela sua atitude que mais se agravou agora ao procurar atingir, com uma frase deselegante, um outro elemento de fora desta contenda, cujo nome é muito digno nos nossos meios literários. Trata-se do dr. Hernani Andrade, o qual, sem qualquer motivo, sofreu ali em certo trecho do último trabalho —Excitação e Inibição—, do nosso adversário, êste impacto: «Sem ser necessário recorrer a ridicularias da ordem dos — mentaltons — bions — e — intelectons —, ou nomes parecidos, criados pela fértil imaginação de um pitoresco sr. Hernani de Andrade...»

Não vamos agora comentar essa teoria, do dr. Hernani, porquê a defesa da nossa doutrina está no que ela se fundamenta, e não nessas particularidades de ordem pessoal, as quais são de interesse apenas aos nossos estudos e discussões de restrição doutrinária. No momento, o nosso desejo, é demonstrar aos leitores de que o dr. Osmard não se acha credenciado para criticar questões de fora do seu campo, por não se mostrar seguro nem mesmo no que seja de si, no mundo da materialidade. Um exemplo disto está quando se perturbou, diante de uma objeção à sua tese da suposta «radiação mental», conforme apresentou no seu próprio Hipnose e Letargia, pág. 237, ao comentar: «Outro argumento contrário seria o fato de

que tais radiações cerebrais, a serem mesmo radiações tipo eletromagnético, se teriam de subordinar às leis físicas que as regem, e que nos ensinam que a sua intensidade deveria sofrer a influência do inverso do quadrado da distância, e nunca se percebeu a interferência da distância na obtenção do fenómeno telepático.»

E o dr. Ósmard, sem recursos para sair desta objeção, em desespero de causa, gritando em grifos, responde: «Certo que se poderia aceitar também tal argumento. Mas a radiação mental será exatamente igual a obtida através de aparelhos de telégrafo sem fio?»

Ora, e depois o dr. Osmard ainda se queixa de que não o entenderamos. Vejam os leitores aqui o seu cientificismo. Propala que essas radiações cerebrais, obtidas por Cazzamali e outros nos laboratórios, são pensamentos materializados, como se os pesquisadores alguma vez assim tivessem dito. Entretanto, ali, quando objetado, ao invés de apresentar defesa da sua tese, como seria de se esperar, encolheu-se para também contra-perguntar — se a radiação mental seria igual a do telégrafo sem fio —, como quem diz; eu não conheço essas radiações, das quais fiz tese.

De fato, se também pergunta é porque não as conhece. Mas se está confessando não saber qual a base da sua própria tese, relacionada com a matéria e energia, como ousa então criticar o que não seja seu, chamando de ridicularia aquele conceito do dr. Hernani?

Onde está a sua credencial para esta atitude?

Nesse exemplo, vejam só os leitores a qualidade do cientificismo com que o nosso adversário pretende combater nossos conceitos espíritas. Apresenta uma tese, para o seu materialismo, sem mesmo saber em que ela se firma.

Mas alí a sua falta não foi só essa. Quando se viu premido por aquela objeção, para não ficar sem o que falar, não medindo as suas palavras, caiu no ab-

surdo ao admitir, por adivinhação, que a sua «radiação mental» poderia não ser igual a obtida no telégrafo sem fio, equivalendo dizer que não seria de natureza eletromagnética.

Porque? o dr. Osmard já ouviu falar em alguma outra energia, irradiada da matéria, sem ser a eletromagnética? Então é bom saber que desde o século passado, com Faraday, Maxwell, Hertz e até os dias de hoje, em Física é fato comprovado que tôdas as energias irradiadas da intimidade da matéria são de natureza eletromagnética. Portanto, qualquer outra radiação que se possa admitir, tal qual alí conjeturou o dr. Osmard, já escapa dos limites da matéria. E não sendo da matéria, de onde então seria a sua origem? E' claro, não vindo de uma coisa viria de outra, passando assim para o conceito espiritualista. Assim, ao concordar com aquela objeção, de que a amplitude do pensamento não se explicaria pelas leis restritas das radiações eletromagnéticas, caiu sem apêlo no nosso campo espiritualista, ao reconhecer a existência de uma outra radiação, não do eletromagnetismo, portanto fora das leis da matéria, em função na nossa vida animal.

Se o dr. Osmard duvida disso, que experimente procurar na ciência dos grandes mestres, para ver se na matéria encontra essa radiação, alí conjeturada, sem o quantum de Plank. E não achando-a, como de fato não vai achar, vai compreender que ao argumentar essa sua radiação de natureza neutra, evocou elemento espiritualista, ou seja, recorreu, sem dar por isto, para conceitos do nosso campo, que no seu dizer seriam ridicularias.

E além de tudo isso, ao procurar apôio em algum sábio, agravou mais ainda a sua situação.

Foi quando ao folhear livros, na busca de um amparo científico para êsse seu cientificismo, teria deparado com um tópico de Crookes mas, não o entendendo, tomou a exposição do sábio pelo sentido inverso, como se alí estivesse o que procurava; uma radiação não eletromagnética da matéria, para sustentar, diante daquela objeção, a sua hipotética tese materialista da «radiação mental.»

Embora já cuidáramos algo dêste assunto, na Revista de maio último, vejamos mais uma vez a parte que agora nos interessa, das palavras do sábio, alí descritas pelo dr. Osmard, na pág. 239 do seu Hipnose e Letargia: «Vale citar por oportuna, a opinião de Crookes: — Não é improvável que existam outros sêres nos quais os órgãos correspondentes aos nossos olhos sejam impressionados, não pela luz (parte do espectro visível por nós) senão por outro tipo de vibrações não percebidas por nosso organismo. Tais sêres viveriam em um mundo que não é o nosso. Imagine-se, por exemplo, que representação do ambiente seria a nossa, se nossos olhos não fôssem sensíveis à luz do dia e sim às ondas eletromagnéticas?»

E depois, de completada a explanação do mestre, diz o dr. Osmard: «São, sem dúvida, pontos a ponderar, sôbre a *NATUREZA* da energia mental.» (o grifo é nosso).

Ora, o sábio referiu a—outro tipo de vibrações—, e o dr. Osmard teria interpretado mal, como —outra natureza de vibrações—, cuja troca, aparentemente sem valor ao leigo, cientificamente inverteu o sentido do relato. Ali, quando se diz —outro tipo de vibrações—, referiu aos diferentes comprimentos de ondas das radiações eletromagnéticas. Diferentes no—tipo—, variando as frequências, mas não na—natureza—, para que comentasse: «... pontos a ponderar sôbre a natureza da energia mental.»

E mais adiante, confirmando êsses seus tropêços, ainda rematou: «Provavelmente estaremos diante de um tipo especial de radiação, subordinada talvez a leis especiais...»; como que se houvesse, com essas especialidades, exceções nas leis da matéria planetária.

Na verdade, Crookes ali nada falou de outro tipo especial ou de outra natureza de radiação, a não ser a eletromagnética. Vê-se que aquela tradução, de outro idioma para o nosso, não estaria fiel ao original. Mas, contudo, a explanação é clara, não traiu a verdade, para que se inverta o seu sentido. E o assunto ali não deixa dúvida, tratando-se de disciplina já de há muito cuidada na Física elementar dos cursos colegiais. Em Física é fato já firmado que

as radiações eletromagnéticas formam uma escala vibratória conhecida desde as mais curtas radiações gamas, até as mais longas ondas, como as de rádio, diferenciando-se umas das outras no tipo dos comprimentos das ondulações. Mas emanadas que são de uma única fonte, a matéria, a natureza de tôdas elas é sempre a mesma da origem, a eletromagnética.

Logo, conjecturar aquela outra radiação, de natureza neutra, tal qual julgou o dr. Osmard, somente seria admissível concebendo-a de uma outra origem, que não seja a da materialidade, caindo-se como já vimos no nosso dualismo — espírito e matéria —.

A confusão, do nosso adversário, deu-se pelo motivo de que do total da escala das radiações eletromagnéticas, somente uma parte delas, constituindo a faixa das côres da série do violeta ao vermelho, sensibilizam nossa retina, pelas quais dizemos luz do dia. As demais vibrações, não sendo receptíveis ao órgão visual humano, são fatos que nos rodeiam mas não os vemos. Seriam outras côres, por nós desconhecidas. Mas é possível existir animais, como os notívagos por exemplo, que tenham a visão sensível às outras vibrações, sem ser as da luz do dia estimuláveis para a retina humana. Para êsses animais, êste mesmo mundo do nosso hábito lhes seria diferente.

Daí o sentido, da exposição de Crookes, de que se os olhos do homem fôsem sensíveis a essas outras vibrações, diferentes das do tipo da luz do dia, nós veríamos, dentro dêste mesmo mundo, outros cenários diferentes dêstes com os quais vivemos. Mas Crookes, como já vimos, referiu unicamente aos — diferentes tipos de radiações eletromagnéticas —, e o dr. Osmard colhera o sentido confundindo com — diferente natureza de radiações —, quando desta nada alí se cuidou. E, repetindo, dizemos: a matéria, ao irradiar energia, apenas gera radiações eletromagnéticas.

Portanto, ao conjecturar uma radiação originada da matéria, mas de outra natureza, contrariou a tudo quanto vem ensinando a ciência, até a presente época da física nuclear.

Ênfim, como pudemos ver, o nosso atacante não está mesmo credenciado para criticar o que seja dos outros. Em pouca coisa, no seu próprio campo, co-

meteu três faltas simultâneas: revelou não conhecer a base da sua tese da «radiação mental»; defendeu seu materialismo com argumento espiritualista, ao conjecturar uma radiação não eletromagnética para o pensamento; e inverteu o sentido daquela exposição de Crookes.

De nossa parte sentimos expor essas contradições e confusões do nosso contendor, porquê o nosso objetivo seria outro, em discutir as razões fundamentais entre Materialismo e Espiritualismo. Mas, como o adversário arremessou-nos gracejos, de que cometeramos — gafe —; e recomenda o Dicionário a nós e ao sr. Imbassahy; e acusa conceitos espíritas de ridicularias; isto nos obriga, a contra-gôsto, em deixar os leitores a par do seu arrevezado cientificismo, para todos saberem, com fatos, que tais problemas, pelo contrário, muito estão para a ingenuidade literária do nosso distraído atacante, tornando-se ridículas suas ironias.

E ainda, antes de encerrarmos, atendendo ao seu inofensivo — Excitação e Inibição —, lamentamos a franqueza em dizer que de nós nada exige essa sua reflexologia. Como combate ao Espiritismo, com o seu pá-cá-tá de rodas sobre trilhos, dormitando viajantes, revelou-se tão nula como a outra anterior, — O Ato Reflexo —, com o seu limão... limão..., enchendo-nos a boca d'água. Insistir nessas suas argumentações, que não tem força para destruir os fatos espíritas concretizados nos laboratórios, será cansar-se inutilmente, sem atingir o objetivo a que se propôs para nos contra-rebater. Os leitores espíritas, esclarecidos que se acham com as provas da ciência dos grandes mestres, não vão se iludir com essas perorações verbalísticas reflexológicas, tão mal sucedidas, desviadas que vem sendo da sua finalidade pavloviana.

E se até agora, tanto a sua reflexologia como outros seus cientificismos, não conseguiram molestar os fundamentos da nossa tese espírita, esperamos que daqui por diante, com as suas ameaças de crueldades, volte com algo eficiente, se bem que a sua habilidosa inteligência não se vê favorecida, com os frágeis elementos combativos do seu inglorioso materialismo.

V. O. CASELLA

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo — Araraquara

Desenvolvimento em três tempos da concepção real do Universo

Formação da «consciência metafísica do ocidente» - Dos ingredientes utilizados pelas três revelações - O atual impacto do Espiritismo

A tese das três revelações, colocada e defendida pelo Espiritismo, implica certos problemas, que em geral não são bem compreendidos. Há quem pergunte, por exemplo: «Antes da I Revelação, a mosaica, Deus não havia revelado nada aos homens?» É claro que sim. O Espiritismo ensina que o processo da revelação é contínuo, incessante, realizando-se através da mediunidade. Mas acontece que a revelação de Moisés assinalou o primeiro momento decisivo da espiritualização do mundo, foi o marco histórico da concepção monoteísta. Com Moisés, e conseqüentemente com a Bíblia (codificação da I Revelação), os homens aprenderam a substituir os deuses formais do passado pelo Deus verdadeiro e único, em espírito e verdade. E aprenderam também que Deus é providência, criou o mundo e o dirige, conduzindo os homens através da História.

Até Moisés, o mundo é politeísta e mágico. O pensamento humano não é histórico, mas mitológico. Com a I Revelação, surge o monoteísmo e o historicismo. Essa a razão de a chamarmos «Primeira», pois é decisiva quanto à modificação dos rumos humanos, em direção a um futuro de constante progresso. O monoteísmo unificará, daí por diante, o sentimento e a vontade, e o historicismo dirigirá a razão. Não se trata mais de revelações parciais, de ensaios preliminares, mas de uma revelação que abre as portas da universalidade, da compreensão total do universo e da vida. Com essa revelação, inicia-se aquilo que hoje chamamos de Civilização Cristã do Ocidente. No Oriente continuarão ainda a desenvolver-se as revelações parciais e locais, até que o impacto do pensamento ocidental comece a modificar o panorâma de suas velhas concepções.

O desenvolvimento natural da primeira revelação é o aparecimento do Cristo. Sua mensagem é codificada nos Evangelhos, seguidos dos demais livros

que, com aquelas, formam o Novo Testamento. Ao monoteísmo e ao historicismo, a II Revelação adiciona o ingrediente moral da salvação. A concepção do Deus único e espiritual, e do desenvolvimento histórico do mundo, dirigido pela Providência, enriquece-se com um elemento novo: o finalismo. Deus fez o mundo e o dirige com uma finalidade definida. O dogma bíblico da queda revela o seu sentido, que a alegoria ocultava: o homem surgiu, na terra, simples e ignorante, para adquirir por si mesmo a complexidade moral e a sabedoria espiritual, tornando-se digno do Criador. Esse finalismo traz em si mesmo o impulso do universalismo. Deus não é apenas o Criador, mas é principalmente o Pai. Nunca essa palavra havia tido tão amplo sentido. Nos Evangelhos, Deus é Pai. Em conseqüência, tôdas as criaturas são irmãs.

Claro que uma revolução tão profunda não poderia realizar-se num século ou num milênio. A mensagem cristã, que completava a mosaica, teria de penetrar o mundo como a água da chuva penetra o chão, misturando-se a êle e às suas impurezas. Primeiro, haveria o barro. E dêsse barro, dessa mistura do politeísmo com o monoteísmo, do mito com a história, do acaso com o finalismo, do acidental com a providência, do incerto com a salvação (certeza da fé), surgiria o novo homem, feito à imagem e semelhança do novo Deus. Mas um homem ainda incompleto, em fase de modelagem. Por isso, Jesus anunciou uma nova revolução, que ainda viria, depois que êle fosse *para o Pai, formulando a promessa do Consolador*, do Evangelho de João.

Sòmente decorridos quase dois milênios, amassado êsse barro de terra e luz, de elementos humanos e divinos, pôde então surgir a III Revelação. E o que trouxe ela? Um novo ingrediente, para misturar aos anteriores, completando a fórmula divina: o monismo. Essa palavra, interpretada em sentido espi-

ritual, resume a concepção espírita do universo. A paternidade universal de Deus deixa de ser uma formulação teórica, para tornar-se prática. A fraternidade universal não decorre mais de um princípio abstrato. A reencarnação justifica o mandamento do amor do próximo, no plano imediato da vida física. A lei de causa e efeito mostra a unidade fundamental do cosmos. O túmulo vazio dos relatos evangélicos adquire um sentido simbólico, pois a morte é substituída pela ressurreição, esta se despoja do aspecto místico do passado, para apresentar-se com um sentido histórico, na sucessão temporal imediata das formas vitais. Por outro lado, a concepção monista do universo abre as portas da compreensão do processo de intercâmbio espiritual. Desaparece a barreira que separava o plano espiritual do plano material. Homens e espíritos podem confabular, permutas, experiências, conscientemente marchar de mãos dadas rumo à perfeição espiritual, que é o objetivo comum.

É evidente que todos esses ingredientes, reunidos pelas revelações sucessivas, sempre existiram no mundo. Mas somente com elas, e graças a elas, puderam juntar-se numa forma vital, e portanto, dinâmica, eficiente, constituindo aquilo que Dilthey chamaria «a consciência metafísica do ocidente». No desenrolar histórico das três revelações, esses ingredientes passaram de potência a ato, para usarmos a linguagem aristotélica. E assim chegamos ao momento em que esses elementos entram em ação efetiva no mundo, para transformá-lo. À III Revelação, ao Espiritismo, coube a função de completar o sistema, dar-lhe a demão final e dinamizá-lo na prática. Esse gigantesco trabalho ainda não está realizado, mas desenvolve-se de maneira auspiciosa. O mundo inteiro está sofrendo o impacto do Espiritismo, em nosso século, como no século primeiro sofreu o impacto do Cristianismo.

Irmão SAULO

Lesões Cerebrais

Carlos
Imbassahy

HÁ um fato desconsertante para a Fisiologia e sobretudo para os fisiologistas, no caso das lesões cerebrais, das operações em partes essenciais do cérebro, sem que a consciência e a inteligência fôssem suprimidas ou mesmo ficassem alteradas.

Razão assistia por certo a Charles Richet quando ensinava que o paralelismo psico-fisiológico não é absoluto; e Geley e Bergson quando demonstravam que o mental não está condicionado ao cérebro. Também eles afirmavam que o paralelismo não é absoluto nem permanente. Geley apresentava casos que provavam o que assegurava, isto é, que havia a privação de grandes porções do cérebro em regiões que se acreditavam essenciais, e que não era seguida, entretanto, de graves perturbações psíquicas ou restrição da personalidade. Era exemplo, entre outros, o caso publicado pelo Dr. Guépin, em que

um jovem sofrera a ablação de parte considerável do hemisfério cerebral, conservando-se perfeitamente íntegro. (Gustave Geley.—*De l'Inconscient au Conscient*. Paris, 1920, págs. 81 e segs.)

O próprio psiquiatra e neurologista Enrico Morselli, diante de um fato desses, foi obrigado a confessar que ele o desnor-teava. E a propósito do assunto, escrevia Ernesto Bozzano, referindo-se ao *cérebro etéreo* :

«Há fatos de enorme importância teórica que servem para conciliar a sobrevivência do espírito humano com a patologia mental sob tôdas as formas: delírio alcoólico, demência, idiotia etc.. Não me ocorreu apontar a eficácia resolutive desta ordem de fenômenos supranormais. Se dela me houvesse lembrado, te-la-ia podido aproveitar para demonstrar ao Professor Morselli que, com a existência de um cérebro etéreo, se explicará um enigma psico-fisiológico, isto a propósito de achar-se sobre a secretaria daquele eminente professor u-

ma revista tedesca contendo longo artigo sobre alguns casos observados durante a grande guerra, de soldados que tiveram o cérebro despedaçado por estilhaços de granada, com abundantes perdas de matéria cerebral, e que se curaram, conservando íntegras suas faculdades intelectuais.» Concluía o Autor citando outros casos do mesmo gênero, ainda mais extraordinários, entre os quais o muito conhecido de um sub-oficial da guarnição de Antuérpia, que havia dois anos se queixava de persistente dor de cabeça, o que, entretanto, nunca o impedira de cumprir os deveres de seu posto. Tendo morrido subitamente, procederam-lhe à autópsia do cérebro e descobriram que um abcesso de evolução lenta lhe reduzira todo o órgão cerebral a uma papa de pus. (E. Bozzano. — *Animismo e Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro, p. 188).

Observava então o Professor MorSELLI que tão extraordinárias exceções à regra constituíam um enigma dos mais perturbadores da hodierna Psico-Fisiologia.

Por onde se vê que o céptico professor, rendido à evidência, não pôde ou não soube explicar em termos de Fisiologia o caso extraordinário, caso que vinha demonstrar a afirmativa de que o espírito é independente do corpo e prescinde por vezes do cérebro, o que vem acentuar aquela independência.

*

Digamos que se entende por cérebro etéreo o cérebro perispiritual. Isto já é muito complicado para estas ligeiras notas. Vamos, porém, a uma explicação rápida, a mais rápida possível, para não nos embrenharmos numa técnica difícil de entender e por isto fastidiosa.

Temos, ligado ao espírito, e que o acompanha na vida e na morte, um outro corpo, uma espécie de luva, uma fôrma do corpo físico, que o reproduz anatomicamente e se denomina *perispirito*. E' com êsse corpo, possuidor de várias denominações como corpo etéreo, corpo fluidico, corpo ódico, corpo astral, duplo fluidico, que os Espíritos se nos mostram durante a vida ou durante a morte, consequentemente desacompanhados das respectivas vestiduras somáticas.

E' êsse corpo que se desprende do ser vivo, ou melhor do soma, deixando-o em ligeiro transe, por vêzes imperceptível, ou a dormir, ou inerte, e vai apresentar-se alhures, como nos chamados casos de bilocação, de que se acham refertos os agiológicos, que são descritos pela História, profana ou eclesiástica, e enriquecem atualmente os Anais da Fenomenologia supranormal. O fenômeno é conhecido por diversos nomes como desprendimento, transporte espiritual, bilocação, bicorporeidade e outros. A bicorporeidade é fato indubitável para os que estudam o Psiquismo.

E' êsse corpo que se nota muitas vezes ao lado do outro, o físico, repetindo-lhe os movimentos como, entre vários, no célebre caso da senhorita SAGÉE, professora, que não podia exercer a sua profissão porque as suas alunas se espantavam quando viam duas criaturas iguais, ao mesmo tempo, separadas, por vêzes em pontos distantes, sendo uma a reprodução exata da outra.

Dir-se-ia o perispirito uma espécie de envoltório, de capa; esta não se desfaz com o corpo; é o indumento eterno do Espírito; segue-o na morte; é nele que ficam gravadas as sensações de natureza física que o Espírito leva algumas vezes para o Espaço, mormente quando se acha muito materializado, muito impregnado de paixões mundanas e estas são bastas vezes um castigo aos seus desregramentos. O perispirito acompanha o ser em sua evolução, volta a novo corpo em suas reencarnações, e a êsse corpo costuma transmitir as marcas, falhas, defeitos, deformações, deteriorações que os vícios e maus hábitos transmitiram ao corpo anterior; êle se transforma fluidicamente à proporção que o Espírito se aperfeiçoa, adaptando-o aos novos corpos, aos novos terrenos, aos novos planos de vida, às contingências das novas existências.

E' com êsse corpo fluidico que o Espírito se entremostra aos videntes; que é perceptível, que é assinalado nas sessões mediúnicas, que se encorpora na ectoplasmia, que é fotografável. E se torna por vêzes o espantalho nas casas mal assombradas, nos palácios infestados, o terror das crianças, neófitos e inexperientes, e passam a ter a deno-

minação de *almas do Outro Mundo*, que a tradição consagrou.

Ora, o cérebro etéreo seria a reprodução do cérebro material, a parte do perispírito correspondente a êsse cérebro, o que nos explicaria os fenômenos que a Ciência desconhece, mas que realmente existem, embora o ignorem. Fica explicada a frase de Bozzano.

*

Fechado o parenteses, prossigamos.

No *Corriere della Sera* de 30 de outubro de 1931, escrevia um médico: — Dizem-nos de Viena que ali foi feita audaciosa operação que consistia em retirar-se quase metade do cérebro do indivíduo, cujo crânio fôra rachado com uma certa machadada. O operado pôde retornar às suas ocupações habituais com a integridade de suas faculdades psíquicas.

O mesmo jornal menciona o êxito do Dr. W. Daudy, cirurgião de Baltimore, numa senhora atingida de um tumor cerebral no hemisfério direito. Dois meses depois da ablação, com exceção dos corpos estriados, a paciente tinha apenas a inevitável paralisia do lado esquerdo e anomalias da sensibilidade.

Edenger e Fisher estudaram o caso de uma criança que viveu quatro anos sem cérebro, apenas respeitados os centros estriados.

Brown Séquard comunicou ter observado um caso onde, na autópsia, encontrara todo um lóbulo cerebral inteiramente destruído, sem que se verificasse, durante a vida do indivíduo, outras manifestações além da cegueira e dores de cabeça.

Chamava êle a atenção para a vida sem medula; referia-se aos pássaros e a um gato; êste cresceu normalmente, embora privado de terço de sua medula. (Dr. Roger Morvan — *Documents pour servir à l'étude de la vie*).

O citado Brown Séquard procurou explicar as anomalias que observou pelas substituições (*par les suppléances*), isto é, pela adaptação das células contíguas à função das atrofiadas ou desaparecidas. Essa hipótese, aliás inverificável, era posta em dúvida pelo Dr. Bouquet, para quem a explicação não abrangia as grandes deteriorações. (*L'explica-*

tion ne vaut que pour les petits délabrements). De fato, com um cérebro todo, ou quase todo destruído, onde achar as células contíguas?

Escreve o Dr. Henri Bouquet em *Le Temps, Paris, 15-11-1935*, sob o título — *O Paradoxo do cérebro*:

Telegrama da Checoslovaquia refere-se ao caso de um operário que ferido na cabeça apresentava uma abertura de 12 cm. de comprimento por onde se escoava parte da matéria cerebral. Sem esperanças de salvá-lo, os cirurgiões limitaram-se a limpar a ferida, extrair os fragmentos de ossos e deixaram tudo como estava.

Com geral espanto, o paciente, poucas horas depois, pedia comida e se entretinha com os que o cercavam. E o telegrama acrescenta: — É um caso verdadeiramente único nos anais da Cirurgia.

Mas não é o único, como veremos e como o afirma o Dr. Perin, que o comenta e declara: — Único? Estamos longe da conta. Conhecem-se alguns mais estupefacientes.

Na presença de um dêles declarava irônicamente um cirurgião de Lião: Pelo que vejo, o cérebro serve unicamente para encher a cavidade craniana.

O Professor Roesemuller cita várias autoridades que verificaram a persistência das faculdades psíquicas apesar das graves lesões cerebrais, e, entre elas os cirurgiões Hirth, Hufeland e Ennemoser; notaram êles perdas sensíveis da matéria cerebral, sem que ficasse alterado o pensamento dos indivíduos. (Roesemuller — *Die ubersinnliche Welt*, 1923, n. 10, p. 23).

Schmick e Benecke citam o caso de um arquiteto, normal até o último instante, mas em cujo cérebro a autópsia encontrou grandes vãos.

Schleich observa vinte pessoas com os cérebros gravemente lesados, sem alteração psíquica.

Benecke refere o caso de um amigo, o Professor Surya, que faleceu inteiramente lúcido. Na autópsia verificou-se que o cérebro estava inteiramente decomposto e que essa anormalidade já devia durar desde muito tempo. *Walnes Leben*. — 1923, p. 54-56.

Hallopeau comunica à Sociedade de Cirurgia, em Paris, que uma jovem, em estado psíquico normal, fôra opera-

da e se lhe achou grande porção da matéria cerebral-reduzida a matéria líquida. (*Anais de Ciências Psíquicas*. Paris, 1914).

Conforme o Dr. Iturricha, uma jovem morrera em pleno uso de suas faculdades mentais, tendo a massa encefálica destacada do bulbo; estava nas condições de uma pessoa decapitada. (Faure da Rosa.—*Estudos Psíquicos*. Lisboa, julho de 1949).

Saint Marck refere-se à operação num oficial em cujo cérebro encontrara um montão de pus. Cumpria, entretanto, normalmente suas obrigações. (Le Clément de Saint Marck.—*Revue Scientifique et Morale*, 1907, p. 275).

Edmond Perrier comunica à Academia de Ciências de Paris que um indivíduo falecera com seus sentidos normais. Na autópsia verificou-se que o cérebro se apresentava sob a forma de delgada casca, de onde o pus espirrava. (Prof. Ed. Perrier.—*Annales des Sciences Psychiques*, 1914, p. 29).

Ennemoser, em documentada publicação, declara que a razão, a vontade, a consciência se conservam intactas em vários casos, apesar da extinção da matéria cerebral. (Dr. Ennemoser. — *Zeitschrift fuer Metapsychische Forschung*, outubro de 1939).

Von Kern apresenta o caso de um homem cujo cérebro estava em parte dissolvido, sem que houvesse sinal de alteração do espírito. Verificação idêntica apresenta o Dr. Huschland; declara êle que a sua doente tinha o cérebro semelhante a uma caixa d'água; não havia ali traço de massa encefálica. (Dr. Huschland.—*Journal de Médecine Pratique*, outubro de 1928).

O Dr. Olivecrona assegura que êle e seus colaboradores operaram em Budapeste importantes massas cerebrais sem que notassem alterações nas faculdades psíquicas dos enfermos. (*Ricerca Psíquica*. — Milão, 1938, p. 102).

Finalmente, o nosso patrício Dr.

Leonidio Ribeiro, em jornais, revistas e livros, reporta-se ao que observou na Inglaterra e declara que a destruição ou o isolamento completo de parte do cérebro não implica o desaparecimento ou perturbação dos fenômenos de consciência, como ocorre, por exemplo, nos casos de traumatismo do cérebro ou em certas doenças mentais. Há casos de tumores que chegaram a destruir completamente a região hipotalâmica sem que os pacientes apresentassem distúrbios graves da consciência. Já se praticam correntemente extirpações totais dos lobos frontais, em casos de tumores que se estendem até a outras regiões do encefalo, sem que a personalidade seja seriamente atingida. E o mesmo Professor lembra a opinião de Hermitte, a de que seria uma quimera procurar a sede das faculdades intelectuais e morais.

Já o Dr. Gabriel Gobron assinalava em *Le Cerveau humain* que havia uma demarcação vaga, indecisa, entre as sensações, as percepções e a memória. Seria impossível determinar a que parte do cérebro depende tal função. Também assegurava Dewelshauvers que não é possível localizar a menor das sensações e muito menos assinalar no córtice cerebral as faculdades que se chamam — vontade, sentimento, imaginação...

Em suma, o que a fisiologia descobriu é que, normalmente, comumente, o cérebro é necessário à manifestação do Espírito. O estudo de determinados fatos fisiológicos, psíquicos ou metapsíquicos, provam, entretanto, que a dependência não é constante, absoluta. O Espírito faz-nos por vêzes o efeito de certos mágicos a quem se amarra ou acorrenta com laços e cadeias irremovíveis; ei-los, porém, que se desembaraçam, não se sabe como, e se apresentam em cena, sorridentes, completamente livres.

O maquinismo cerebral é inútil como prova a favor das doutrinas materialistas.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo enderêço ; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espiritismo é a Religião

VII

Religião e Filosofia no conceito de Farias Brito

24 — Há vultos que deixaram, na terra, traços inapagáveis. São estrêlas cadentes da inteligência, cuja luminosidade não se extingue. São pensamentos de Deus que ficaram como herança sublime, para encantamento e deslumbramento humano.

Entre estas estrêlas, marcante, tem-se o nome do filósofo brasileiro, que merece respeito e sincera admiração.

Referimo-nos a Farias Brito.

Sobre a sua personalidade, os editores de «Falando à Terra», obra admirável de Francisco Cândido Xavier, mediúnica, escreveram :

«Farias Brito, Raimundo de (1917) — Advogado, político e professor. Foi, porém, como filósofo pròpriamente dito, a mais alta expressão no Brasil. Neste sentido, sua obra é pujante e revela elevado engenho filosófico, a par de um senso crítico insuperável. Espiritualista. Tolerante, benevolente e simples.»

E' que êle, ditando ao querido médium de Pedro Leopoldo, expressiva mensagem, conclui :

«E' por isto que, voltando a escrever algumas palavras para os companheiros de jornada do nosso século, engrandecido por singulares realizações da inteligência e atormentado por amargas desilusões, não me apraz o comentário clássico dos doutrinadores mergulhados na corrente profunda das observações e das deduções, para só repetir, de mim para cômigo, as corriqueiras e sublimes palavras do velho oráculo sempre novo : «Homem, conhece-te a ti mesmo !»

E é na obra invulgar dêsse gênio filosófico que se lê :

«A Religião é a Filosofia mesma em sua função prática.» (112). E, em outra oportunidade, expressou-se que

«A religião, a filosofia e a ciência não são etapas na evolução do pensamento, que se sucedem excluindo-se à maneira da lei dos três esta-

dos de Comte. São manifestações vivas do Espírito, necessariamente co-existent (grifos nossos), por corresponderem a aspectos fundamentais e indispensáveis da atividade espiritual.» (113).

Barreto Filho, na introdução do grande livro, *Mundo Interior*, — a que dá o nome de «obra de síntese e de conclusão» — afirma que Farias Brito «entendia que o estudo da sensibilidade e das relações entre a Alma e o Corpo era base necessária para a sua Ciência do Espírito.»

E' inegável que êsse entendimento, *mutatis mutandi*, aplica-se ao Espiritismo, no tríptico aspecto de Ciência, Filosofia e Religião.

«Há, diz êle, sem dúvida, outras religiões, muitas outras, no Oriente como no Ocidente ; mas nenhuma delas tem a importância e o valor das religiões de Cristo e de Buda.» (114).

Referindo-se ao processo de aparecimento e formação das religiões, explica de modo claro a maneira por que todas elas se conduzem. O seu pensamento aplica-se ao Espiritismo :

«Considerarei aqui, em particular, o Cristianismo e o Budismo porque são as duas religiões mais importantes, as duas grandes religiões que ainda hoje exercem mais considerável império. Mas examine-se qualquer outra religião conhecida e ver-se-á que foi por um processo análogo que se estabelecem. Toda a Religião é sempre uma Doutrina que se impõe à consciência das multidões. Essa doutrina é feita, em regra, no isolamento e no silêncio, por um pensador que reflete fundamentalmente sobre as condições da existência, que adquire uma intuição da vida, que deduz dessa intuição da vida uma teoria moral ; que sofre e acredita poder explicar a razão do sofrimento ; que se julgue de posse da verdade, e fala às sociedades, como a quem apresenta as tábuas da lei, isto é, como quem indica os princípios que devem servir para todos como regras de ação. Estes princípios, uma vez aceitos, está organizada a sociedade,

está fundada a religião; o que significa: está estabelecido o governo moral da sociedade.» (115).

A respeito, ainda nos servimos do pensamento sereno de Carlos Imbassahy, que se ombreia com o de Farias Brito, apenas que tomando posição:

«O Espiritismo é o Budismo ampliado, comentado, esclarecido, demonstrado e provado. Vamos encontrar ali a roda das vidas sucessivas, que é a reencarnação dos espíritos; temos lá o carma, o carma inexorável, que é a lei espírita de causa e efeito, ou seja a remissão da dívida pelo seu pagamento integral: é o sofrimento como causa de libertação; tal como o Espiritismo, pregava o Buda a evolução dos seres, e só havia progresso do espírito quando êle vencía as suas imperfeições; lá, a felicidade estava no Nirvana, que é a paz espiritual, a perfeita tranquilidade que os espíritas aceitam.» (116).

Esta perfeita e simples afinidade entre as duas religiões as aproximam, irmanam.

Se se ler «Obras Póstumas» encontrar-se-á um homem a serviço dos Espíritos, conduzido por Fortier e Carlotti, de Córsega, à casa de Patier e da sra. Plainemaison, onde assistiu às primeiras reuniões espíritas. Serviam de médiuns Carolina e Júlia Baudin e depois Ruth Jafet, Aliné Carlotti e Ermance Dufaux. E é na casa de Emilio Carlos Baudin que lhe foi anunciado o trabalho a realizar. Zéfiro dá-lhe o nome de Allan Kardec e ali organizou-se o Livro dos Espíritos, monumento secular, base granítica,—Filosófica e Religiosa — do Espiritismo. E divulgada a obra, surgiu codificada—ordenada e sistematizada — a Doutrina que impôs e se impõe à consciência das multidões.

E o grande pensador, divinamente inspirado, esclareceu:

«Mas a filosofia que dá a interpretação da existência e fornece o critério para a dedução das regras de ação, isto é, a filosofia que deduz a lei e organiza as sociedades, é, como já vimos, a filosofia do Espírito. O conhecimento do homem sobre sua própria existência, único conhecimento capaz de estabelecer o governo do homem sobre si mesmo.» (117).

Efetivamente, tinha razão Farias Brito, quando assim se pronunciou, por que outro não é o rumo, nem a orientação

do Livro dos Espíritos, quando estuda Deus, a origem do ser, a vida presente e futura, o sofrimento e o destino, o espírito e a matéria, a formação e a pluralidade dos mundos, dos seres orgânicos e inorgânicos, a vida, a morte, a reprodução, a conservação e a destruição dos seres, o povoamento, a diversidade das raças, o bem e o mal, as faltas e as sanções, as virtudes e os vícios, o casamento, a poligamia, o divórcio, a guerra, a pena de morte, o duelo, a vida social, a família, a liberdade, a igualdade, a Fraternidade. Situa o Espírito na Terra e fora da Terra, estuda o perispírito, elucida e desvenda o problema da morte, com a surpresa dos bons e dos maus, conservada a individualidade após o desencarne. Diz-nos do retorno do Espírito, do progresso, da reencarnação. Tudo isto explicado, comentado, sentido e vivido conduz à Religião que, inegavelmente, é a Filosofia Prática aplicada à vida.

O Espiritismo, já escrevemos alhures, com o concurso da ciência, rasgando horizontes, enriquecido das fulgurações cintilantes da Filosofia, colocará o ser no lugar exato do mundo, com o Cristo por «Modelo e Guia.»

O Espiritismo, como a nova aurora da redenção, trouxe, é verdade, uma «Doutrina Filosófica, que tem consequências morais», como toda Filosofia Espiritualista, pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura.» Preservemo-lo, porém, na sua integral pureza, pois que, não «sendo uma Religião constituída, não tem culto, nem rito, nem templo, e entre seus adeptos nenhum tomou o lugar de sacerdote ou Papa.» (118).

O mesmo raciocínio de Allan Kardec, com relação à antiguidade do Espiritismo, faz Farias Brito, com relação à Filosofia e à Religião, estabelecida real identidade entre os dois autores:

«Ora, é sabido que o homem tem por destino próprio a sociedade, não lhe sendo possível viver senão na sociedade e com a sociedade; e como a sociedade é um Organismo Moral e esse organismo não se compreende sem a Religião, e a Religião não pode existir senão como aplicação prática de uma Filosofia,—daí resulta que a Filosofia é tão

velha quanto o homem e existe desde que existe o homem no planêta.» (119)

Desenvolvendo seu pensamento, concluiu Farias Brito:

«Não há êrro mais grosseiro do que fazer da Religião uma forma inferior do conhecimento. Em todos os povos, como em todos os momentos de história, a Religião foi e será a mais alta manifestação da intelectualidade:

— A Religião é o veículo espiritual da sociedade;

— É o Espírito regulando as suas forças, organizando as suas energias, introduzindo a unidade na multiplicidade; numa palavra,

— A RELIGIÃO É UM IMPÉRIO DA RAZÃO.» (120)

A Religião é a incentivadora e iluminadora da Fé. Daí, ter-se colocado, no início dêste trabalho, a grande chave colocada no frontespício do Evangelho Segundo o Espiritismo:

«Fé inabalável sòmente aquela que

encarar a razão face a face em tôdas as épocas da humanidade.»

Noraldino de Mello Castro

(Continua)

- 112 — FARIAS BRITO, «Finalidade», vol. 3.º, pág. 10.
 113 — FARIAS BRITO, «A Base Física do Espírito», pág. 48.
 114 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 92.
 115 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 94.
 116 — CARLOS IMBASSAHY, «Religião», pág. 80.
 117 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 94.
 118 — KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 247.
 119 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 94.
 120 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 95.

Hipnose e Espiritismo Osmard Andrade

VI — DÉBEIS? DESEQUILIBRADOS? INSTÁVEIS?

Sim, meus caros amigos. Decididamente, sim. *Débeis, desequilibrados e instáveis*. Mas, como *débeis*? Como, *desequilibrados*? Como *instáveis*? E sobretudo, *porquê*? É o que veremos.

O estudo mais aprofundado — que não pode ser feito aqui — da dinâmica cerebral em face ao condicionamento de reflexos durante a vida, leva a duas novas conceituações de padrões de comportamento individual, conhecidos como *mosaico cortical* e *estereotipia dinâmica*. Vamos traduzir êsse «palavrório» antes que o sr. Imbassahy ponha as mãos à cabeça!

Pelo aprendizado, pela repetição, pela experiência dos fatos da vida e da reiteração dos estímulos que o cercam, um determinado animal acaba por plasmar uma determinada resposta tipo, padrão, a cada estímulo que se torne a apresentar. Assim, em meio à aparente desordem que caracteriza o meio circundante, o animal recolhe, seleciona e ana-

lisa os estímulos que recebe. E a uns responde. De maneira certa. E a outros não aceita. Não identifica. Desconhece. Ao fim dêsse trabalho de análise — que leva anos para ser apurado — seu córtex atinge a um determinado grau de diferenciação, adquire uma capacidade depurativa. A superfície do córtex cerebral torna-se sede de uma infinidade de pontos de percepção, de análise e de síntese do mundo, e aonde chegam, classificam-se, separam-se e se interpretam tôdas aquelas nuances, tôda a gama de mutabilidade dos ambientes externo e interno do organismo. Há como que um esquema funcional, o chamado *mosaico cortical*, painel de registro.

Por outro lado, a maneira pela qual um animal reage, sempre, da mesma maneira, a determinados excitantes, em função do seu *mosaico cortical*, imprime-lhe uma individualidade dinâmica, atuante, ativa. Tal caráter, leva-o à formação de um tipo individual de a-

daptabilidade do organismo ao seu meio, organizando um conjunto de respostas habituais aos estímulos recebidos, condicionando respostas novas a estímulos novos dentro do padrão geral de comportamento. A tal comportamento, de origem central, cortical, fica condicionado o tipo pessoal. E temos então que se conceitua o estereótipo dinâmico, a maneira viva, pela qual determinado indivíduo passa a reagir. É o seu tipo, o seu feitio, o seu caráter, o seu modo de ser. O seu estereótipo dinâmico.

Isto pôsto, não me parece ser muito difícil de compreender que cada animal tem o seu modo particular de «sentir» o mundo e de a êle responder. É isso que nos distingue, a todos nós, uns dos outros. E surge então o importantíssimo caráter de diferenciação animal —humana por extensão—que dá a cada um de nós, um *tipo nervoso*.

E não é de hoje que os homens são classificados de acôrdo com o seu tipo, o seu temperamento, o seu padrão de comportamento. Houve, inclusive, inúmeros cientistas que fizeram classificações nas quais, a cada tipo de conduta, corresponderia um tipo físico. Já ouviram os leitores, certamente, expressões como biótipo, longilíneo, brevilíneo, normolíneo, astênico, esquizotímico, ciclotímico, e tantas outras, consagradas pelo uso e pela fisiologia tradicional. Desde Hipócrates, a coisa vem rendendo. Os coléricos, os fleugmáticos, os sanguíneos e os melancólicos, eram os principais tipos humanos da classificação de Hipócrates. E cada uma dessas palavras já traduz a maneira pela qual cada um deles se apresentava, e agia, e reagia, e se mostrava. A cada um desses tipos, correspondia o mesmo indivíduo nas outras classificações, como a de Viola, a de Penda, etc.

Assim, o sanguíneo, seria o brevilíneo, seria o ciclotímico.

Assim, o melancólico, seria o longilíneo, seria o esquizotímico. E daí por diante.

Também a reflexologia classifica os indivíduos, à uma nova luz. Por um novo conceito. De acôrdo com uma nova metodologia, a do mecanismo de função cortical, da maneira pela qual, cada um de nós recebe e reage às estimulações, de acôrdo com aquilo que chamamos de o nosso equilíbrio excitato-ini-

bitório, ou capacidade de dosar os estímulos e respostas. Em função do nosso mosaico cortical. E atendendo, sobretudo ao nosso estereótipo dinâmico.

E na estruturação dos principais tipos nervosos — reflexologicamente falando — surgem a considerar três características de base: — a *intensidade*, o *equilíbrio*, e a *labilidade*. Vejamos pela ordem: —

1) *Intensidade*: — Cada estímulo que nos chega do meio ambiente, o faz sob uma determinada intensidade. Há nos animais um limite de suportabilidade para a estimulação forte ou débil. Em função, pois, da potência da estimulação recebida e de sua capacidade de suportá-la e mesmo de superá-la, surge a primeira classificação dos tipos nervosos. São êles, *fortes* ou *débeis*. Há pessoas que mal suportam uma picada de injeção; outras têm um largo limiar de suportabilidade da dor. Assim como os estímulos recebidos podem ser fortes e fracos, intensos ou débeis, da mesma maneira a nossa resposta a êles pode ser também, forte ou débil. Os indivíduos que suportam bem os estímulos fortes e continuados — quase que um sinal de primitivismo e coragem — apresentam uma grande capacidade ao sofrimento, à injúria, à agressão, e uma grande resistência aos esforços físicos. E os fatos cotidianos, as nuances ambientais, pouca ou nenhuma influência exercem sobre êles. Os outros, mediante estimulação mais ou menos continuada e de mediana intensidade, sofrem o efeito defensivo da inibição (lembram-se da função inibitória como defensora da agressão continuada e irritante?).

2) *Equilíbrio*: — Todos nós nos excitamos. E todos nós nos deprimimos. Mas alguns de nós apresentam acentuada tendência à excitabilidade enquanto outros são marcadamente acomodados, parados, tranqüilos. E nestes, predominam, dinamicamente, os processos ditos de inibição. O ideal, seria um perfeito equilíbrio entre essas e aquelas respostas. Isto quer dizer que, devido à qualidade cortical de cada um de nós, em uns predominam os processos de excitação: são os grandes palradores, os que vibram com facilidade, os que se encolerizam rapidamente, os que se ativam celeremente, os que pouco dormem, os que não têm «um minuto a perder»,

os que não podem ficar sentados muito tempo. De outro lado, quando a inibição cortical predomina, surgem os tímidos, os tranqüilos, os sonolentos, os introspectivos, os sonhadores, os que não se agitam por somenos, os calculistas, os que acham que «o mundo não vai acabar amanhã». Uns e outros são tipos nervosos *desequilibrados*, com acentuada tendência a um dos dois processos. O equidistante seria o nervosamente equilibrado.

3) *Labilidade*: — ou facilidade de passar rapidamente de um estado para o outro. Reparem as crianças. Tão facilmente choram quanto passam a um acesso de riso. Vejam os histéricos. Já não dizia Vieira, referindo-se aos histéricos:—«Flor da histeria, chorava e ria!»? Esta terceira característica, confere também aos animais, possibilidades de labilidade ou de inércia. Uns, os *lábeis*, passam rapidamente dos processos de excitação aos de inibição; os outros, os *inertes*, sofrem dificuldade de adaptação às mudanças de ambiente. De maneira geral, os mais moços são mais lábeis, transmudam-se com mais facilidade. Enquanto que os mais idosos já apresentam uma certa dificuldade de acomodarse às variações do ambiente. As crianças, aí pelos 3, 4, 5 anos de idade, são labilíssimas. Os velhos são quase sempre inertes, como se houvesse um processo de «endurecimento» de suas reações corticais.

Temos assim, à luz da reflexologia, uma série de tipos nervosos. Os débeis e os fortes, os equilibrados e os *desequilibrados*; os *lábeis* ou *instáveis* e os *inertes*. E esses tipos podem apresentar ainda gradações e combinações as mais variadas. A qualificação dos tipos mediante tais receptividades, daria as definições temperamentais preconizadas por Hipócrates. Os animais de tipo forte, não equilibrado, com predominância

dos processos de excitação, vivos, impetuosos, seriam os coléricos; os fortes equilibrados, porém inertes, calmos, lentos, configurariam os fleugmáticos; o forte, equilibrado, lábil, vivo e móvel, seria o sanguíneo. Finalmente o fraco, inibido, inerte, seria o melancólico.

Eis aí o que entendemos por tipos nervosos em reflexologia. Pois é essa coisa primária, rudimentar, quase infantil, que não entra na cabeça dos senhores Casella e Imbassahy!

Quando dizemos de um indivíduo —falando em termos de reflexologia— que êle é do tipo *débil*, não estamos fazendo nenhuma referência ao seu estado de sanidade MENTAL. Quando dizemos que um indivíduo—em termos de reflexologia — é do tipo *desequilibrado*, não há nisso qualquer citação a sua atitude MENTAL. Quando afirmamos que um outro é do tipo *instável*, nem de longe estamos pensando em comportamento MENTAL.

Mas isso não entra na cabeça dos srs. Casella e Imbassahy! Não tenho culpa disso. É tudo uma questão de garbrito, de nível, de capacidade de aprendizado.

(Continua)

N. da R. — Tendo o dr. Os-mard ultrapassado em muito, com êste seu artigo, as três páginas regulamentares para cada publicação, por falta de espaço fomos obrigados, de contra vontade, a separá-lo em dois. Rogamos que outros, assim, já venham divididos, pois o próprio autor saberá melhor separá-los.

Contudo, já entendemos com o sr. Casella, para elaborar sua resposta na mesma proporção de espaço dêste, evitando prejuízo polêmica, de uma ou de outra parte.

A REDAÇÃO

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

| Ano de 1926 | cr.\$ 400,00 | Ano de 1949 | cr\$. 300,00 | Ano de 1955 | cr\$. 300,00 |
|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|
| » » 1929 | » 400,00 | » » 1950 | » 300,00 | » » 1956 | » 300,00 |
| » » 1946 | » 300,00 | » » 1951 | » 300,00 | » » 1957 | » 300,00 |
| » » 1947 | » 300,00 | » » 1952 | » 300,00 | » » 1958 | » 300,00 |
| » » 1948 | » 300,00 | » » 1953 | » 300,00 | » » 1959 | » 300,00 |
| | | » » 1954 | » 300,00 | » » 1960 | » 300,00 |

REPORTERES DOS «ASSOCIADOS» ROMPEM A BARREIRA, CHEGANDO ATÉ O «MÉDIUM» MINEIRO

Arigó quer enfrentar em São Paulo o julgamento de 60

Médicos Brasileiros

Virá à Capital paulista em janeiro e, como na sua casa humilde de Congonhas do Campo, operará sem anestesia e sem dor — «Só desejo que me apresentem casos difíceis» — A sua defesa é Deus, em primeiro lugar ; e os homens que operou, em segundo — «Não sou eu quem opera ; é o espírito do doutor Fritz» — Numa sala de jantar, ouvindo, na véspera do julgamento, o mais famoso «médium» do Brasil.

CONGONHAS DO CAMPO, 22 (De Moacyr Jorge, Narciso Santos e Roberto de Oliveira, cinegrafista da TV-Tupí) — Às dez horas chegamos a esta cidade, onde o «médium» espírita José Arigó vem atendendo a doentes desesperançados de todo o Brasil.

Jornalistas e fotógrafos do Rio ainda não conseguiram entrar no prédio, chegando alguns a tentar fotografá-lo pelo muro que contorna a residência. A residência é pobre em tudo : na construção de pau e barro, que deve ser de mais de cinquenta anos, e no seu interior quase sem moveis.

Mais de 800.000 pessoas em dez anos

A casa de Arigó tem uma sala de visita grande com três cadeiras de vime. Nas paredes, a imagem do Cristo, mais imagens de santos, uma fotografia colorida do ex-presidente Juscelino Kubitschek e outra, em preto e branco, do presidente João Goulart.

Nos dois primeiros quartos dormem os filhos, em numero de seis. As camas são antigas, quase sem lençóis. E é sem móveis o quarto do casal. Ali se vêem apenas a cama e uma volumosa mala de embarque marítimo, muito utilizada por portugueses. Tudo é simples e tem um ar humilde.

Até a alimentação é pobre, a mesma que comem os mineiros da região.

Arigó é funcionário da Agência do IAPETC, lotado na Divisão de Benefícios, com vencimentos mensais de 15.900,00. Sua esposa o ajuda, costurando para fóra.

Aí está em rápido apanhado, a situação financeira e social do «médium» espírita que, em dez anos, já atraiu para Congonhas do Campo mais de . . .

800.000 pessoas, realizando operações através do médico alemão, já falecido que se identifica por «Dr. Fritz», operações que êle faz em transe mediúnico, falando em idioma germanico.

O repórter chega até Arigó

Sòmente às dez e meia horas a reportagem dos «Associados» conseguiu ultrapassar todos os obstáculos. Adeptos de Arigó formavam verdadeira barreira. Depois de nos indentificarmos, ficamos presos num quarto. Mas tarde, Altamiro, uma espécie de recepcionista, nos dizia :

«Venha comigo. José Arigó vai recebê-los na residência dêle.»

Saimos atrás do Altamiro, atravessando a rua Marechal Floriano, e fomos colocados à frente de José Arigó, na sala-de-jantar. Então José Arigó nos disse :

«Minha defesa é Deus, em primeiro lugar. Estou sendo acusado. Mas que me acusem com provas. Sem elas é cometer injustiça.»

«Não sou eu quem opera ; é o Dr. Fritz»

E ali na sala, José Arigó continuou falando de modo mais simples e sincero :

«Eu não opero ninguém. Os meus braços se movimentam e movimentam as «ferramentas» quando eu estou em transe, recebendo o «Dr. Fritz.» É êle quem opera. Êle é um espírito.

Eu não sei o que faço quando estou em transe. Sinto uma dormencia nos pés e perco o sentido, ao entrar em transe. Sou um «médium» sincero. Diziam-me que eu havia operado pulmões, que eu havia cortado seios cancerosos sem provocar dor, sem fazer

anestesia, sem deixar que o sangue escorresse.

Confesso que eu mesmo não acreditava. Fui ver os films que tinham sido feitos por médicos. Films sobre inúmeras operações difíceis e depois de vê-los, digo-lhes sem modéstia: não me julguem um fenômeno; um santo.»

«Provem que matei alguém»

Erguendo os seus olhos claros para o reporter, prosseguiu:

«Sim, não me julguem um santo. Tenho pecados, embora não jogue, não fume e não beba. Mas vivo para minha mulher e meus seis filhos. Eles precisam de mim, do meu amparo. Antes de me condenarem, provem que matei alguém entre os milhares de homens e mulheres que operei. Se prejudiquei alguém, se matei, as vítimas dos meus atos é que devem me acusar e não os meus perseguidores gratuitos que me processam sem provas».

«Seria condenar um ser imaterial»

José Pedro de Freitas, mais conhecido por José Arigó, na sala humilde da sua casa mineira, abriu-nos o coração:

«Vários médicos de renome nacional sabem dos fenômenos que ocorrem no Centro Espírita que eu dirijo. Dois grandes jornalistas, José Franco e Ubiratan Lemos, de «O Cruzeiro», já assistiram e são pois testemunhas das operações delicadas que aí se tem feito. Pedi-lhes que não divulgassem nada se, realmente, eram meus amigos.

Os meus perseguidores querem as provas para me colocarem na cadeia. Eles sabem porém que eu, mesmo, não opero e não receito. A minha ação é sob o efeito mediúnico do «Doutor Fritz», famoso médico alemão. Condenar-me seria condenar um ser imaterial, o espírito que realiza essas «coisas» que eles acham impossíveis.

Nunca passei pela porta de uma Faculdade de Medicina. Tenho apenas o quarto ano primário com diploma do Grupo Escolar Barão de Congonhas. E o meu nome não é Arigó. Chamam-me Arigó porque, sendo o meu pai fazendeiro, eu dava toda liberdade aos empregados. Dava-lhes ajuda. Um dia me advertiram:

«Você precisa deixar de andar com

esses arigós da fazenda. Afinal, você é o filho do dono».

Respondi que eu era Arigó também, com uma diferença: tinha as primeiras letras. Desde então passaram a me chamar de «Zé Arigó». Houve uma pausa, depois disse: «Eu não mistifico, não iludo. Nada faço com objetivo de ganho. Acusem-me os que eu acolhi aqui, em minha casa, de ter aceito sequer uma maçã. Façam acusações no Tribunal de Belo Horizonte, onde está o processo».

«Vou operar em São Paulo»

José Pedro de Freitas (José Arigó) almoçava rapidamente e conversava conosco em companhia do sr. Jordão de Magalhães, figura de destaque nos meios sociais de São Paulo:

Seja qual for a decisão do Tribunal de Minas Gerais, eu assumo um compromisso: irei a São Paulo e enfrentarei o julgamento de sessenta médicos brasileiros. Já combinei essa viagem com o dr. Conrado, com o dr. Leite de Castro e com o dr. Ladeira Marques. E ela será em janeiro.

Não quero porém que me entreguem um caso de oftalmologia. Não quero lidar com os olhos. Isso já é coisa corriqueira. Pedirei que me apresentem um caso difícil: tuberculose ou cancer.

Se não me engano, o dr. Conrado é médico do IAPC e já está arrumando tudo para a minha ida. Operarei sem anestesia e sem dor, da mesma forma, aliás, como operei os muitos pacientes que vieram à minha casa. Se eu e o «médium» falharmos, podem me condenar a cinquenta anos. Mas não me acusem apenas por acusar».

Hoje a decisão

Amanhã, dia 23, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais vai julgar apenas um recurso de José Arigó em que êle pede seja o julgamento transferido para Belo Horizonte. Alega Arigó nesse recurso que o Juiz de Direito é um dos seus perseguidores, e que êle já prejudicou quando disse em Congonhas:

«Arigó é um curandeiro».

A decisão está sendo aguardada com ansiedade. Se o julgamento for em Congonhas, José Arigó espera a condenação.

Do «Diário de S. Paulo», de 23-11-61

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo VII)

— Vendo Moisés, portanto, a estupidez dos egípcios (haja vista as pirâmides que são túmulos, uma das quais feita por cem mil escravos misérrimos, no espaço de vinte anos!...) vendo, pois, Moisés, tamanha estupidez, não só nos demais povos, conquanto pessoalmente acreditasse na sobrevivência da alma, e até em sua transmigração por corpos diferentes, silenciou esta verdade, porque extemporânea, para fundar sua religião na providência extraordinária de um Deus que estava invisível, mas presente.

— Que Moisés cria na sobrevivência da alma o declarou o próprio Cristo (Luc. 20, 37 a 38), quando concluiu que Deus não é Deus de mortos (Abraão, Isaque e Jacó), mas de vivos; não só aqui, mas também no segundo mandamento do Decálogo, onde está que Deus vingará a iniquidade dos pais nos filhos NA terceira e quarta geração como o expressa a Bíblia Esperantista; fora êstes dois pontos há todos aqueles passos em que Moisés faz proibições de se consultar os mortos. Se há proibições de se consultar os mortos, é porque êles não só estão vivos, senão que também se podem comunicar com os encarnados.

— Todavia não enxergava Moisés proveito nenhum neste comércio com os mortos, como muito pouco é o que vemos hoje, a julgar pelos que continuam sendo exatamente como são, apesar das provas peremptórias que têm nas aparições de mortos das sessões práticas do Espiritismo.

— Conheço um médico que assistiu, de perto, ao espetáculo apresentado por um desses comedores de vidros, giletes, pregos, anzóis, etc. E o homem comeu tudo isto, de fato; não houve truques nenhuns, porque a coisa foi bem fiscalizada para evitar fraudes. Terminada a sessão o médico foi abordado por um curioso que lhe perguntou:

«— Como é, Doutor, o homem comeu ou não comeu os cacos de vidro?»

«— Sim, respondeu o médico».

«— Então, torna o curioso, amanhã êle estará morto?»

«— Não, retrucou o médico, como já não morreu doutras vêzes! Contudo ignoro o que sucede, e que fenômeno é êsse. Até mandei o comedor engolir uma moeda na frente do meu radioscópio, e vi que a moeda se sumiu na altura do esôfago!...»

— Um espírita que escutava a conversa, tomando parte nela, diz:

«— Isso se chamam fenômenos de efeitos físicos, e são os mesmos pelos quais se dão as chamadas operações espirituais, em que os espíritos retiram, por exemplo, pedras do fígado e dos rins, balas ou estilhaços de granadas do corpo».

— Mas o médico que era um bêbado, jogador e prostibulário, tal continuou sendo, apesar da maravilha que observou. É que êle não possuía espírito filosófico, nem científico, conquanto ocupasse a posição de um cientista no mundo. O seu «papai» que era rico, o quis médico, e só por isso era médico...

— Moisés, Chilon, com ser um gênio, havia de ter presente a verdade inexorável, infelizmente ainda atual, que não nos honra nada, descoberta numa tabuinha de argila cosida, desenterrada pelos arqueólogos com as ruínas da Babilônia; nessa tabuinha está escrito: «Olha em volta e vê que todos os homens são estúpidos!» (C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 233)

— Se hoje ainda os homens são assim, que se dirá dos do tempo de Moisés? É por isso que funcionou melhor aquêle sistema, o de Moisés, do que êste, o da crença na imortalidade da alma, com o corolário de penas e recompensas futuras. Ora, se a finalidade da religião, conforme tua própria definição, é religar a criatura com o Criador, a melhor religião, qual é, Chilon?

Chilon — A resposta está implícita na pergunta: é a que melhor religa, isto é, desbarbariza e civiliza o homem.

Árago — E qual dêstes dois sis-

temas básicos é o melhor? o que promete prêmios e castigos póstumos, ou o que promete para já, providência extraordinária de um Deus que age sem tardanças?

Chilon — O sistema melhor é êsse no qual não há delongas, pois quando à ação se segue imediatamente a reação, o respeito e o temor se impõem sem evasivas e discussões; nunca vi ninguém desrespeitar a lei da gravidade, nem abusar do quanto pode o dinamite.

Árago — Logo, qual é a melhor religião? o mosaísmo, ou o cristianismo?

Chilon — Digo que é o mosaísmo; mas digo-o relutando, pois sinto que o cristianismo supera o mosaísmo.

A esta resposta minha, riu-se *Árago*, com gosto, ao tempo que me dizia, dando duas palmadinhas nas próprias coxas:

— Tu és ainda ingênuo, *Chilon*! Não me percebeste a manha de rapôso matreiro! O mosaísmo é religião que serviu para selvagens e serve ainda para involuídos como aquêles hindus referidos por Emmanuel, ou aquêles espíritas avarentos, orgulhosos e violentos dos quais falei atrás. Mas não serve para evoluídos que sabem enxergar longe, porque já adultos. As falas de Moisés se dirigiam às crianças humanas, no passo que Cristo fala a homens feitos, apresentando a Deus como Pai.

—Repara nisto agora: o que fazia antigamente Jeová, fazem hoje os espíritos obsessores sôbre aquêles que, com seus vícios, deixam a porta aberta. Vê como a par dos prêmios e castigos futuros, funciona, no Espiritismo, para os que crêem, êste outro sistema de recompensas e punições imediatas? Para merecer a proteção do «guia» preciso é ser bom; do contrário terá a simpatia e a atuação dos espíritos perversos. Antigamente (e ainda agora para os bíblicos) Jeová, com estar invisivelmente presente, vigiava sôbre os vícios e crimes secretos, sôbre os males que destróem a harmonia social. Hoje esta função está afeta aos espíritos, e quem acreditar em Kardec terá vergonha de praticar ações feias, por estar sendo observado, quem sabe, por parentes e amigos desencarnados, com os quais terá de acarear-se depois da morte. Fora isto, o afastamento dos protetores implicaria na imediata aproximação dos exploradores astrais, que vivem de vampirizar os encarnados. Então se algum espírita cai nalgum pecado, ainda que secreto, começa a ser punido por essa legião fantástica de desencarnados que, ou são reais, e agem de fato, ou são meramente imaginários, e agem sugestivamente, produzindo mal-estar, mêdos, angústias, aflições e doenças neuróticas. Entendeste?

Chilon — Entendi. A melhor religião é aquela que melhor se presta, relativamente, ao nível evolutivo do homem.

Crônica Estrangeira

AS CHÁVENAS ESMAGADAS

De «*Estudos Psíquicos*»

Os sonhos premonitórios constituem um grande capítulo do psiquismo e o sábio investigador Ernesto Bozzano estudou-os numa excelente monografia. De vez em quando relatamos um ou outro, porque a função desta revista é divulgar e doutrinar.

Hoje vamos referir o sonho de R. E. Wood, exposto em *Fate*, em que o fenômeno atinge a sua fase proeminente.

«Certa manhã—diz o articulista—

despertei, enquanto minha mulher se levantava para fazer o pequeno almoço; mas logo me voltei para o lado, e, mergulhando em sono profundo, um sonho vivo e surpreendente se desenrolou em minha alma. Senti-me transportado ao escritório da Companhia onde estava empregado e no qual havia um vigia da noite para uma chávena de chá e um pouco de conversa.

«Tudo no meu sonho era normal. Só o vigilante estava de mau humor, barafustando e queixando-se do contra-mestre, com quem discutira azedamente. Nervoso, remexia em várias coisas e, de

repente, pegou em três chávenas, atirando-as ao sobrado, onde se partiram ruidosamente.

«Acordei nesta altura e quando me ia levantar ouvi um barulho na cozinha — uma chávena que me minha mulher deixara cair. Coincidência estranha, mas, no vaivém da manhã, esqueci-a completamente.

«À noite, quando cheguei ao escritório para a minha habitual chávena de chá, encontrei-o vigia furioso, insultando o contramestre. Mudo de espanto, vi o homem, enraivecido, pegar em três chávenas e esmagá-las no chão».

A propósito de sonhos, na mesma revista vem um relato da sr.^a Joan E. Bonsher referente a um sonho que tivera em 1927. Seu marido era gerente de um posto da Companhia de Peles da Baía de Hudson, na Costa Ártica, e um dos barcos tinha sempre um faról aceso para guiar os caçadores em direção ao posto, quando viajavam de noite.

Certo dia adormeceu cansada e teve um sonho em que o faról estava apagado e um homem procurava orientar-se. Por fim acordou com o pressentimento de que se tratava de sonho verídico e acordou o marido para lho contar.

O mais interessante é que o marido da sr.^a Joan ficou impressionadíssimo ao verificar que o faról se extinguiu. Mas como fazia muito frio, resolveu expôr o caso ao capitão, quando amanhecesse.

Dias depois um caçador chamado Thurston chegou ao posto e contou que na noite do sonho se perdera na neve por falta de luz no faról, ficando com os pés gelados.

E a senhora termina, dizendo:

—Tivesse eu, segundo o meu impulso, participado logo o caso ao capitão e o pobre caçador de peles teria encontrado o caminho, evitando uma doença...



FANTASMAS E APARIÇÕES

Numa cinzenta manhã de Setembro, a neblina rondava uma casa de campo da Polônia, na divisa com a Alemanha. No interior dessa casa sólida de tijolos as luzes brilhavam fortemente. De-

corria o ano de 1939, e Hitler iniciava a invasão da Polônia.

Assim começa a narrativa de um dos mais estranhos casos dos anais das pesquisas psíquicas.

Quem narra o acontecido é o Coronel G. G., ex-oficial do Exército polonês, hoje residindo na cidade canadense de Toronto. A história por êle contada foi publicada pela Revista da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, grupo estudioso que se propõe investigar tudo quanto o povo geralmente chama sobrenatural.

Morto o filho do fantasma

O Coronel G. G., então comandante de brigada, e sua tropa achavam-se estacionados na dita casa de campo. Eram oito horas da manhã, e o Coronel e cinco de seus oficiais se encontravam no salão do segundo andar, discutindo a declaração de guerra.

—De repente—disse o Coronel — percebemos a presença de um estranho que ouvia com muita atenção a nossa conversa. Nenhum de nós viu de onde êle viera, e todos arregalámos os olhos para êle, de atônitos que estávamos.

Era um cavalheiro já bem idoso, de barba curta, e trajava um terno à moda antiga. Tirou o chapéu e perguntou polidamente:

— Estamos mesmo em guerra?

Informado que sim, o homem (ou a aparição), disse:

—Então é tempo de eu ir andando. E se foi.

Absorvidos e empolgados como se achavam pelo fato de haver estalado a segunda guerra mundial, nenhum dos oficiais notou se o homem saiu do salão, ou se simplesmente *desapareceu*.

Mais tarde, o Coronel G. G. perguntou ao mordomo quem seria o tal homem. Boquiaberto, o mordomo nós mostrou uma velha fotografia e perguntou:

— Parecia êle com o cavalheiro desta fotografia?

O Coronel G. G. afirmou ser êle mesmo, e o mordomo, com voz trêmula, disse:

— Êste era o velho patrão; mas, há já vinte anos que morreu.

—O assombrado mordomo—conti-

nuou o Coronel G. G.—insistiu em afirmar que se tratava de um caso de «fantasma» e que tal aparição significava desastre.

Naquela mesma noite os oficiais polonêses se viram forçados a abandonar a dita casa. Forças avançadas alemães a incendiaram e mataram o seu novo proprietário, que era um filho do velho cavalheiro que lhes havia apare-

cido. A Sociedade não pôde verificar todos os pormenores do caso porque alguns oficiais polonêses tinham sido mortos e outros foram aprisionados.

Mas em um outro caso, perfeitamente investigado, a telepatia poderá ter estado atrás de outra aparição.

Walter Bazar

«Reformador», de «O Globo»

Espiritismo no Brasil

EM ATIVIDADE A ALIANÇA DAS UNIÕES ESPÍRITAS DA BAIXADA FLUMINENSE

Sob a presidência do sr. Manoel de Almeida, diretor da União Municipal Espírita de Nova Iguaçu, esteve reunida pela quarta vez, neste ano, a Aliança Regional das Uniões Municipais Espíritas (Baixada Fluminense), congregando as cidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé, Nilópolis e Paracambi. A êsse certame compareceram representantes de Pôrto Novo do Cunha, Além Paraíba, São João de Mereti e Barra Mansa, além de Campo Grande (Estado de Mato Grosso).

Visando ao conagraçamento e maior entendimento dos espiritistas da Baixada, pode-se dizer que a concentração produziu ótimos resultados. Cada União dispôs de dez minutos para informar suas atividades, destacando-se Duque de Caxias que apresentou resultados satisfatórios e diversificados no campo da assistência social e doutrinária.

Funcionando como assessor da presidência, o confrade Newton de Barros prestou ótimos serviços, sendo a palestra doutrinária realizada por Newton Boechat.

A próxima concentração será em dezembro, na cidade de Paracambi.

Abstal volta a Caxias

Ganhando as simpatias do povo caxiense na noite de 20-9-61, quando falou na III Semana de Cairbar, voltou a falar na rica cidade fluminense, numa tarde fraterna, promovida pelo Gru-

po da Fraternidade Ana Prado, o confrade Abstal Loureiro, diretor do jornal Hora de Brasília.

Acompanharam-no até lá os companheiros Olívio Novaes, do «Jornal do Comércio», e A. J. Oliveira, de «O Cruzeiro», do Rio, os quais fizeram breves saudações.

A sede nova, ainda não inaugurada do Grupo, movimenta-se desde já demonstrando o quanto poderá fazer no futuro a pról do desenvolvimento da Doutrina Espírita.

Didática Espírita

Dada a proximidade de Caxias com o Rio de Janeiro, centro de cultura para onde converge a intelectualidade brasileira, grande tem sido o intercâmbio cultural entre os espíritas das duas cidades. Instituída e fortalecida a Semana Cairbar Schutel, aumentou poderosamente o fluxo educativo-cultural na terra de Lima e Silva, para onde se voltam os homens de saber na alta missão de saciar os que aspiram conhecer a verdade.

Assim, no dia 8-10-61, esteve em visita ao Centro Espírita Thiago Apóstolo o confrade dr. Amadeu Santos, que proferiu belíssima palestra. A tarefa era do sr. Olívio Novaes que, entretanto, cedeu a oportunidade ao nobre advogado, a fim de que êle revelasse as luzes da Doutrina que manipula com tanto brilho.

O orador se fez acompanhar por sua senhora, d. Emília Santos, além do jornalista Olívio Novaes.

A Associação Espírita Cairbar Schutel recebeu dois ricos donativos

como ajuda às obras de sua sede em Duque de Caxias. A grande empresa PONTO FRIO doou uma geladeira a querosene, marca Luna, ao passo que as «Casas JOTA» deram u'a máquina de costura «Philips», objetos que serão postos em sorteio para o Natal dêste ano.

Os gestos dessas importantes casas estabelecidas em Caxias ecoaram

de maneira muito simpática, não só pela importância dos objetos, como também pela oportunidade com que foram realizados, de vez que a referida entidade vem se esforçando ao máximo para concluir as obras da Escola Abraham Lincoln, onde estudam gratuitamente 262 crianças, e do Preventório Pedro Ernesto, serviço igualmente gratis para o povo.

Encerrado o III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Escolhida a cidade de Curitiba para sede do próximo certame — Agitou o plenário o caso do médium José Arigó, que realizava intervenções cirúrgicas — Definições sobre ciência e religião em face do Espiritismo — Criação de grupos de estudos em todo o País

BELO HORIZONTE, 7 (Do Enviado Especial) — Encerrou-se ontem, nesta capital, o III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas que reuniu delegações de vários Estados. A sessão de encerramento realizou-se no auditório da União Espírita Mineira, tendo sido lidas a Declaração de Princípios e as Recomendações do certame, ao mesmo tempo que se anunciou a escolha de Curitiba como sede do IV Congresso, a realizar em 1963. Das doze teses apresentadas, examinadas pelas comissões e votadas pelo plenário, quatro foram rejeitadas. Numerosas indicações e moções foram também aprovadas, inclusive uma moção de solidariedade ao médium José Arigó, de Congonhas do Campo, que está sendo processado sob acusação de exercício ilegal da medicina e impedido de exercer a mediunidade. Houve debates a propósito dessa moção, pois alguns congressistas entenderam que o certame não devia pronunciar-se a res-

peito do caso Arigó, mas prevaleceu a opinião de que era dever do Congresso defender a tese de livre-exercício da mediunidade.

Cirurgia Mediúnica

O caso Arigó, que vem apaixonando os meios espiritualistas do país, foi objeto de longas considerações na sessão solene de encerramento. Alguns congressistas advertiram que não se tratava propriamente de um médium espírita, pois José Arigó é conhecido como católico, de família católica. Outros, entretanto, afirmaram que a filiação religiosa do médium não tinha importância, uma vez que a mediunidade — é encarada pelo Espiritismo como condição natural do homem, e não como ocorrência sobrenatural. A mediunidade de José Arigó é das mais curiosas, pois o médium, antigo garção de um restaurante de Congonhas do Campo, é hoje funcionário do IAPTC, realiza intervenções cirúrgicas em estado de transe,

dizendo-se «tomado» pelo espírito de um médico alemão, que dá o nome de Fritz. As intervenções, em número alarmante, e envolvendo casos dos mais graves, realizadas sem anestesia nem assepsia de espécie alguma, provocaram o processo em que o médium se encontra envolvido. A maioria dos congressistas manifestaram a opinião de que, em casos como êsse, em vez de punição legal, devem haver providências para investigação científica. Vários oradores acentuaram que o número de doentes operados com êxito, inclusive na presença de médicos operadores, é impressionante.

Ciência ou Religião

Um dos aspectos mais curiosos do Congresso foi a discussão das teses referentes aos problemas de ciência e religião. Embora a maioria maciça dos congressistas defendessem a formulação clássica do Espiritismo como doutrina triplíce, segundo Allan Kardec, abrangendo aspectos científicos, filosóficos e religiosos, houve algumas teses divergentes. Uma delas do jornalista Pereira Guedes, do Rio, trazia mesmo o seguinte título: «O Espiritismo é ciência e filosofia, mas não religião». Essa tese foi rejeitada pelo plenário, depois de intensos

debates, em que se destacou o representante da Federação Espírita Portuguesa, sr. Fernando Campos Ferreira da Cunha, sustentando a concepção clássica.

No tocante ao aspecto científico, provocaram agitados debates uma tese sobre a evolução da Física, apresentando essa evolução como capaz de determinar «a ampliação da obra de Kardec», e uma indicação que definia a Ciência Espírita como «ciência das relações do mundo espiritual com o mundo material», conseqüentemente autônoma e sem qualquer possibilidade de sujeição às ciências materiais. Essa indicação foi aprovada, passando a sua conclusão a figurar na declaração do Congresso, mas também a tese científica mereceu aprovação, considerando-se a sua contribuição para o esclarecimento das relações da Ciência com o Espiritismo.

Problemas da Imprensa

Os problemas da imprensa espírita foram objeto de teses e indicações, amplamente debatidas. Aprovaram-se numerosas recomendações quanto a problemas éticos e doutrinários da imprensa espírita, ressaltando-se as questões atinentes à liberdade de imprensa. O plenário aprovou uma tese do sr. Ferreira da Cunha, contrária à atitude de alguns jornais espíritas que divulgam matéria anti-doutrinária, a pretexto de exercer a liberdade de imprensa. O autor da tese insiste na finalidade orientadora e esclarecedora dessa imprensa, que deve limitar a sua liberdade ao âmbito da dou-

trina espírita. Foi também aprovado uma indicação de criação de um órgão leigo, jornal ou revista, de grande circulação nacional, mas de orientação espírita.

Umbanda e Baixo-Espiritismo

As questões relacionadas com a «pureza doutrinária» foram grandemente debatidas. Os congressistas definiram o Espiritismo como a doutrina «codificada por Allan Kardec», lembrando que a própria palavra Espiritismo foi criada pelo codificador, e repelindo tôdas as tentativas de extensão do termo às formas de sincretismo religioso afro-brasileiro. Assim, a Umbanda, Quimbanda, a Macumba, e tôdas as formas de sincretismo, em geral chamadas de baixo-espiritismo, foram consideradas como estranhas à doutrina e ao movimento espírita. Afirmaram os congressistas que o Espiritismo é uma doutrina moderna, estruturada nas obras de Allan Kardec e desenvolvida na dos seus sucessores, como Leon Denis e Ernesto Bozzano, enquanto as formas de sincretismo acima referidas existem há muito mais tempo, como fenômenos sociológicos, nada tendo a ver com o Espiritismo.

Grupos de Estudos

Uma das teses que provocaram maiores debates foi a de um membro da Delegação Paulista, propondo a criação de uma comissão nacional para lançar um movimento de formação de grupos de estudos espíritas em todo o país. A tese foi aprovada, apesar da oposição do presidente da União Espírita Mineira, que desejava en-

tregar o assunto ao Conselho Federativo Nacional. Os congressistas concordaram com a alegação do autor, de que «a essência do Espiritismo é a liberdade, sem a qual não se pode chegar à responsabilidade». Diante disso, resolveram que o movimento deve ser criado sem qualquer forma de dependência. Ficou constituída uma comissão inter-estadual para tratar do assunto, composta dos srs. Herculano Pires e Ferreira da Cunha, de S. Paulo; Noraldino de Melo Castro, de Minas Gerais; Deolindo Amorim, da Guanabara; José Bezerra de Castro, de Pernambuco; Lauro Schleder, do Paraná e Abel Mendonça, da Bahia. Os grupos de estudos seguirão programas elaborados pela comissão, em face das sugestões que lhes forem dadas pelas instituições doutrinárias a serem consultadas.

Apoio à Federação Portuguesa

A Federação Espírita Portuguesa fez-se representar e apresentou uma tese ao Congresso, sobre problema de metapsíquica. Os congressistas aprovaram uma moção de apoio àquela Federação, cuja sede se encontra fechada em Lisboa, e manifestaram seu desejo de vê-la reaberta dentro em breve.

Colação de Grau

Do jovem doutorando, pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, Adroaldo Modesto Gil, de Uberaba, esta Redação recebeu simpático convite para assistir às solenidades de sua formatura, as quais obedecerão ao seguinte programa:

Dezembro, dia 14—Conferência pelo Dr. Eurico Branco Ribeiro, de S. Paulo, às 19,30 horas, no Centro Espírita Uberabense;

Dia 15—Colação de grau, às 20 horas, no Cine Metropole.

—Agradecendo o convite, desejamos ao jovem doutorando muitas felicidades na árdua missão que vem de assumir.

Nosso Representante em Fernandópolis

É nosso Representante autorizado para tomadas e reformas de assinaturas de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», em Fernandópolis e nas localidades adjacentes, Jales, Santa Fé do Sul, Três Fronteiras e outras, o nosso

confrade Antonio Martins Barbieri, o qual poderá ser procurado pelos nossos assinantes, na Livraria Allan Kardec, anexa ao Centro Espírita «Pátria do Evangelho», à rua Rio de Janeiro n. 645, daquela cidade, facilitando assim aos assinantes o pagamento de suas assinaturas.

TELEGRAMA DE FELICITAÇÕES

O Senador dr. Lino de Mattos endereçou à «Revista Internacional do Espiritismo» o seguinte telegrama de felicitações pela aproximação das festas de Natal e Ano Novo:

«Brasília — D. F. — Sr. Diretor da «Revista Internacional do Espiritismo» — Av. 28 de Agosto, 780 — Matão.

Alegra-me com aproximação festas Natal e Ano Novo apresentar pelas colunas dessa acatada revista votos felicidades seus dignos diretores.

Saudações

Senador Lino de Mattos».

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 7 de Outubro de 1961

À hora regimental, com a presença de número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece de início e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Comenta o Presidente fatos de interesse geral e fala sobre a correspondência entre a FEB e o confrade Prof. José Alvarez Gasca, do México, trabalhador esforçado do Espiritismo naquêlê País.

SÃO PAULO — O Conselheiro Farm. Carlos Jordão, representante da USE, de São Paulo, comunica que o tra-

balho, referente à UNIFICAÇÃO, já está organizado e será trazido ao Conselho.

AMAZONAS—O representante da Federação Espírita Amazonense, Conselheiro Luiz Montorfano, noticia as homenagens à personalidade de BEZERRA DE MENEZES, levadas a efeito em Agosto, em Manaus e a continuação das obras do Hospital Allan Kardec.

PIAUI — Pelo representante da Federação Espírita do Piauí, Conselheiro Dr. Sylvio de Brito Soares, é relatado o auspicioso entusiasmo reinante em todo o Estado do Piauí pelo Espiritismo, bem como os progressos da escola primária «13 de Maio», da Escola «Hercília Cesar», de corte e costura, da Casa do Livro Espírita e da assistência aos alunos, com uniformes, calçado e material, tudo gratuitamente.

RIO GRANDE DO SUL—O Conselheiro Francisco Thiesen, representante da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, comunica as crescentes atividades da Federação Gaúcha, notadamente no campo cultural, citando o Curso de Esperanto, e a criação de uma secção de encadernação e trabalhos análogos.

O Conselheiro Brito Soares comunica que os programas radiofônicos de Geraldo de Aquino passaram a ser irradiados apenas pela Rádio Copacabana, diariamente às 18 horas e, aos domingos, às 9 da manhã e às 9 da noite, em ondas longas de 680 kc, e, em ondas curtas, 27-4965 kc, 23-5045 kc, e 30-780 kc.

Às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da USE, de São Paulo, encerrou o Presidente a reunião.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.\$ 300,00.

O DIABO E A IGREJA em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

É um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.\$ 60,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. É, pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr.\$ 220,00 ; Brochura cr.\$ 150,00

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.^a edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em prol da verdade, — luta uobliitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.\$ 70,00

O Espirito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problêmas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinios de Jesus.

«O Espirito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinios de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espirito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.\$ 280,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.^a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.\$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.^a edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.\$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$250,00

Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.\$25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO



